

A Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 28 de dezembro

Os ministerios neutros

Esperava-se dos ministerios neutros ou ex-partidarios, que suspendessem a opposição systematica e acintosa dos partidos, e ainda as suas luctas, n'uma epocha de crise diplomatica e financeira.

Entre nós ha dois partidos, que se alternam no poder—o regenerador e o progressista.

Quando pois um d'elles não se acalma, e combate o governo conciliador, perde este logo a sua razão de ser, a sua vantagem—a situação fica sendo a mesma, como se estivesse governando o partido adverso.

Assim não vemos o motivo porque se insiste ainda em formar outros ministerios incolores, quando os progressistas os aggridem, e hoje declaram que em toda a sua

imprensa receberão a golpes o sr. José Dias, apesar de conciliado.

Mas se os dois partidos estão d'accordo sobre as reduções, as mais severas, se as reclamam constantemente, se para realisa-las sem attritos é que se querem os ministerios sem côr politica, como aggridem os chefes do progressso o actual governo, que em reduções foi além de todos?

Não se comprehende.

Bem propria é essa attitudde irrational e contradictoria de quem antepõe, como se tem visto, a ambição das pastas aos interesses do paiz, em momentos mais graves:

Vemos que atacam todas as reformas, quando não podem julgar-se, senão provisórias, mas urgentes, em face do deficit e da crise que não esperam por estudos perfectos—esperam os sabios estadistas, experimentados na orgia de 36 a 90, pelo tempo em que possam applicar á correção das medidas governativas a *sciencia profun-*

da, de que blasonam, e deram provas.

Tambem não deixa de ter o mesmo character provisorio a transferencia para o estado das obras municipaes, apenas relativa á sua execução, e não ás deliberações que as determinam, e por isso sem offensa aos direitos das camaras.

Ahi não lamentam a liberdade municipal, que não lhes importa—bem a ferio a reforma administrativa de 86, tornando dependentes dos governadores civis as resoluções camararias mais importantes—pelo contrario estão satisfeitos de terem um famoso pretexto de abalarem a opinião e o governo, quando deviam attender á economia de 360 contos, que d'ahi resulta, mais uma vez se contradizem combatendo aquella reforma.

Assim a agitação partidaria continua:—Para que serviram ou servem os ministerios extra-partidarios?

Teem servido para recobrem animo áquelles que

estavam completamente annullados no conceito publico, como politicos e como homens.

A celebre gerencia progressista, que tão singulares ouzadias commetteu, cahiu sem esperança de renovar-se durante muitos annos.

N'esse transe, os gerentes resolveram concitar o paiz, quando viesse o tratado anglo-luzo, fosse bom, fosse mau.

Depois de promoverem tumultos nas duas capitaeas, alliados para isso com os phantasiosos inimigos das instituições afim de amedrontarem o soberano, em vez de ainda mais se submergirem no ridiculo e na indignação geral—pois era impossivel que os sensatos, e até os illudidos com as suas ineptas e calumniosas declamações, não tardando estes em desenganar-se, não odiassem esses manejos e berrarias indecentes—vimos o governo—Serpa—demittir-se, o que foi dar uma apparencia de razão e de importancia ao que as

não tinha, isto é, a essas falsas e artificiaes manifestações que farçantes improvisaram, e vimos que pelos ministerios da sua côr, nos governos extra-partidarios, foram obtendo a nomeação d'agentes administrativos, que são os seus agentes electoraes, e as vinganças e os favores d'onde vem, como se sabe a sua maior influencia.

Ora, se foi só para isto, não convinham taes governos.

Para as reformas e as economias não foram necessarios.

O sr. Franco economisou tres mil contos, e soffreu a viva opposição dos progressistas; e enquanto estes aggridem, são as maiorias regeneradoras que os sustentam.

A lucta não cessou, as aggressões subsistem; digamos para que servem ou serviram?

A. M.

Folhetim da FOLHA D'OVAR

O NATAL DA ORFÃO SINHA

E' noite escura e fria; a lua fulgurante
Não voga na amplidão como um olhar d'amante.

Não geme o rouxinol, nem os astros, aos milhar's,
Choram seus raios d'oiro illuminando os ares.

As nuvens da procella estranhas, colossaes,
Enfurecem o mar com rancos infernaes.

A chuva torrencial, rugindo pelo chão,
Deixa o campo deserto, a rocha em convulsão.

Por toda a parte o frio... a noite dos horrores!
Por toda a parte o gêlo, a morte... o val' sem flores!

A geada cresta... noite incapaz d'alegria!
A lua é um sarcasmo, o assombro da ironia!...

Uma agonia enorme soluça pelo ar...
A neve cãe... signaes de festa em cada lar!

E a virgem da orphandade, a misera creança,
Não tem quem lhe segrede um balsamo d'esp'rança!

Está em plena rua,—que dura miseria!
Rôta, faminta e livida,—que dôr funerea!

As mãosinhas no seio, morta de canção,
Fita seus olhos meigos no saudoso espaço.

«Senhor! diz ella então, como é triste a orphandade!
«Como é vasta a amplidão e grande a immensidade!

«O' minha mãe saudosa! lá d'essas espheras
«Alimenta o florir das minhas primaveras!

«Pequenina, já sou n'este exilio orfãosinha,
«Pois da terra voou minha santa madrinha...

«A lei que diz—miseria! na ancia do soffrer,
«Filha do teu desejo, ó Deus, não pôde ser!

«Oh! não...; dá-me,—divino e candido Messias,
«Uma hora de ventura, uma era d'alegrias!

«Vem banhar de perfumes as limpas consciencias,
«P'ra fugirem da terra as negras indigencias.

«Desfeitas em doirada e coruscante luz,
«O' caridade, ó flôr do sangue de Jesus!»

E a virgem da innocencia, a pomba lacrimosa,
Subtil como a visão, suave como a rosa,

Faminta, á luz sideria, em sua dôr immensa.
Parece a flôr do pranto, o calice da creança.

Pobre innocente!... Todas as portas cerradas!
Espiritos suaves, almas bem formadas,

Tende mágoa e pesar do frio descaroavel
Da virgem triste, da orfãosinha miseravel...

Adormece por fim... do ceu, ás horas mortas,
Nossa Senhora, a Virgem pura, abriu-lhe as portas...

E o ceu, vestido de gala, se lhe apresenta
Em uma grandiosa e bella Arvor' que ostenta.

Coisas maravilhosas d'um vivo esplendor,
Aonde Jesus colhe as 'strellas do Senhor...

E a pequena orfãosinha, a pallida creança,
A desbotada rosa, etherea como a esp'rança,

N'aquelle sonho puro fica extasiada...
Cessou a ventania, desperta a alvorada.

Acalmou-se a procella. O fulgor da manhã
Invade o antro onde repousa a virgem christã.

Que, adormecida ainda, na aza da saudade
Em sonhos busca a mãe na grande immensidade...

Um instante depois acorda hirta e gelada...
Ergue de novo a voz, repete suffocada:

«Vem banhar de perfumes as limpas consciencias,
«P'ra fugirem da terra as negras indigencias.

«Desfeitas em doirada e coruscante luz,
«O' caridade, ó flôr do sangue de Jesus!...

E assim dizendo cerra a palpebra divina
A virgem lacrimosa, a pobre pequenina;

No entanto, arfa-lhe o rir do seu labio breve;
E' porque a alma da mãe inda a beija de leve.

Nos raios do sol que, como um pincel ardente,
Traça d'ondas de fogo as bandas do oriente.

Porto.

Jayme T. Cyrne de Magalhães.

SECÇÃO LITTERARIA

O NATAL

Tudo folga e sorri na convivencia
Do intimo concheiro puro e santo,
Sob o tecto commum já onde tanto
Prazer, se disfructou na convivencia.

De um outro dia igual mas já passado
No quinhão d'alegria repartida,
Só eu, não vejo assim já reunida,
A familia, no lar que me foi dado.

Olho em roda!... o Natal que tive outr'ora,
Passou... bem como passa o rir d'aurora,
Cercando-me uma eterna soledade...

Mas conservo no livro da lembrança
Esse dia que foi uma esperanza
Sendo hoje o meu Natal:—uma saudade!..

D. Iñez Sabino.

HORA DE PIEDADE!

E' para nós, homens de jornal,
um velho thema todos os annos
religiosamente acolhido como um
santo dever d'alma, este de pôr
nos alvorocos do Natal, um appello
de commiserção,—quasi uma
intimativa em nome da solidaria-
dade humana. Decerto porque a legião
enorme dos miseraveis apparece
como nunca, desolada e gritante,
na solemnidade que falla de paz,
de familia, das castas alegrias.

A festa d'este dia, ajunta á meza
dos banquetes familiares, todos os
que possuem a felicidade d'um
lar, d'uma situação, d'um concheiro
de vida. E o contraste frisa em
duro destaque, inclemente e cruel
para aquelles que, n'uma injustiça
de desgraça, não teem festa—e
mais do que isso, não teem conforto
e não teem pão.

Para esses que acolhem a celebração
d'hoje na blasphemia dos
grandes exasperos ou na resignação
dolorida que é a fórma longa,
quieta, soffrente dos antigos desesperamentos;
para esses a quem faltam as intimas
alegrias porque lhes escasseiam as commodidades
materiaes; para esses que uma
brutalidade da sorte fustiga, ha o dever—
doce e consolante dever—do
justo auxilio. Que os confortados
façam uma hora piedosa, antes da
hora da festa. Essa primeira hora
toda sagrada applicae vós, creaturas
do bem-estar, á divina tarefa
de dar pão e com elle uma illusão
de ventura dos vencidos da miseria.
Ganhareis n'essa hora piedosa:
tornando mais intensa e mais clara,
mais sonora e mais feliz, a hora
da festa. Porque no vosso banquete,
o brilhar dos crystaes, a
exquisita delicadeza das flores,
o aroma precioso dos acepipes,
ungirão menos de fina subtilidade
a vossa alma do que a lembrança
do clarão feliz que a vossa caridade
accendeu no negrume das casas
pobres.

Será já um thema banal; mas é
bem uma sacrosanta banalidade a
que pede uma hora piedosa antes
da hora da festa!

Porto.

Oliveira Alvarenga.

O NATAL

A festa do Natal é a santa festa
dos velhos e das creanças.

Os bons avós, presidindo ao banquete
tradiccional, cercados dos filhos
e netos estremecidos, sentem
a doce satisfação de saber que não
findará com elles o nome honrado
que as suas virtudes fizeram largamente
respeitado e querido. E a
petisada, jogando os pinhões junto
do presepio—um symbolo de esperanza
e de ventura,—aprendem a venerar
a mais sagrada das instituições
humanas, a familia, junto da qual,
nos tristes momentos de

desespero e dôr, hão-de encontrar
balsamo para todas as feridas e le-
nitivo para todas as amarguras.
Celebremos pois, com o maximo
esplendor, a deliciosa festa que tantas
esperanças nos traz e tão boas
e tão saudosas recordações, para
sempre nos deixa.

Podemos, em paiz afastado, esquecer-
nos da patria e da familia durante
um anno todo, porém na noite de
Natal, na boa noite da consoada,
não ha ninguem que não suspire
pelo carinho da familia e não sinta
o coração comprimir-se até ás
lagrimas, ao vêr se entre quatro
paredes estranhas, respirando
uma atmosphera que só então
lhe parece deleteria e má, e ouvindo
uma linguagem bem differente
da dos doces e melódicos cantos
com que foi emballado na infancia.

Porto.

Eduardo Sequeira.

ALQUIAZES D'ALTAMALA

Esta boa gente de Mirão acha-se
possuida de verdadeira inveja e
pasma pelo meu genio rabiscador,
qualidade que não me conhecia.

Esta tempestade d'inveja tem seu
centro no sr. Bacharel, principio
no meu visinho Doutor, da Casa
Nova, e termo no Alexandre Pereira,
da passagem. Peralta e Alberto
Machado são também elementos
d'ajuda para o vendaval; e em S.
Gens, o meu compadre Alexandre,
afina pelo mesmo tom.

Eu não os receio, mas lamento
a ausencia do meu Francisco que,
melhor do que eu, lhes pespegaria
uns remotes conforme o uso da
Capital Federal dos Estados Di Lá.
Desconheço os menores rudimentos
da escola capoeira, porém, empun-
hado o soláceo tirapé não recuarei
perante um troço d'inimigos assim,
ainda mesmo que commandado por
um *Sete Cabeças*, ou um Legnar,
trazendo por tambor um Lucifer,
ou um Manéca, e um Jayme por
corneta.

Sou d'estes figados. Se não que-
rem morrer d'inveja, trabalhem.

O trabalho é a alavanca poderosa
que move a grande machina social.
Trabalhem. Se não querem
ser agazalhados com um gibão d'agoites
não me passem á porta. A estrada
é por além da capella. Eu não me
vou metter na vida do Bacharel
nem sei se elle é ou não Ministerio
Publico em duas igrejas; não entro
na fazenda do Antonio da Casa
Nova para affiançar do valor da
colheita; não tenho freguezes
além Douro para passar a barca
e poder dizer-lhes se a barca leva
vinho a mais ou a menos; não
tenho execuções em juizo para que
o Peralta mostre a sua pericia de
avaliador; nunca me sirvo do trans-
porte fluvial para lhes dizer quanto
o Alberto leva pelo trafego de qual-
quer mercadoria

Sou porém freguez do meu compadre,
e reciprocamente, e posso dizer-
lhes que é negociante e não gosta
de perder (no que faz muito bem).
E' lunatico, mas sério. Tem geito
para o negocio, fino, amavel,
angariador, attencioso, passador
eximio de botões por junto. Negociante
emfim. Como particular, mas
ainda dentro do balcão, é um typo
alto, reforçado, systematicamente
barbeado, bigodes descommunes,
exoticamente vestido, que fuma
cigarros almirantes, porque não
conhece os *Turcos* de 12 por 40 réis,
que joga o sólo a 500 réis, o passe
e o dominió a cigarros.

Reparao n'elle:—Fechada a mão
direita, apoiada, no balcão, sobre
as primeiras phalanges, eil-o que
vos atira á cara com um *Olá sôr*
Zé acompanhado do estrallejar,
irritante da nervatura manipresiamen-
te comprimida, e larga por ahi fô-

ra, como cavallo desbocado n'uns
consideranduns, réplicas, contesta-
ções, artigos do Cod., accordãos do
S. Tribunal, e disposições da N.
Reforma, excelso conhecedor de todo
o magnifico e magestoso Archi-
vo Juridico, terminando, explendorosamente,
por mandar servir-vos
um cópo d'agua branca com um
molhão de vilão de *Porto de Rey*,
ou offerer-vos um cacho de mos-
catel de cheiro, ou melão, mimos,
que o magano, até no inverno, colhe
no seu productivo quintal.

Um typo, um verdadeiro typo;
palrador infatigavel, impagavel gal-
hofeiro, risonho; que chora se ri;
que faz rir, também, se chora; que
passeia á tarde até á estrada nova,
ou por ahi abaixo até ao Outeiral,
chapeu na mão no verão, de mãos
atraz das costas, só, ordinariamen-
te, sem pau ferrado, nem guarda-
sol.

Vagueia no inverno, á noute, pe-
lo povo, dando-se bem n'aquella
penumbra de bêcos, resfolegando
ruidosamente; trauteando uma aria,
ou uma gavotte; entrando no escri-
torio do Antoninho Maximo, para
sair depois, a breve trecho, em li-
nha recta para *Valle de lençoes*,
d'onde no dia seguinte sai, o mes-
mo *bon vivant*, mas já negociante.

Excepção—Aos domingos ouve
missa com fervorosa devoção.

E' assim que ralham os com-
padres.

Mirão.

'Stroi.

UMA CONSPIRAÇÃO

FIN DE SIECLE

Mal contava eu com as futuras
consequencias, quando vim para as
columnas da *Folha* denunciar con-
spirações!

Franqueza, franqueza, confesso
que de momento não me occorreu
o que podia resultar da denuncia da
gravissima questão, que tanto abalo
lá fora os diplomatas estrangeiros!

E, entre nós, o caso não é para
menos. Pensando-se na cousa a san-
gue-frio, a questão é para fazer barulho,
porque emfim o facto é de
uma certa gravidade!

Desde o dia em que assisti á
assembleia onde se passaram os factos
descriptos, tenho pensado mais do
que devia no caso!

Instintivamente encontro-me
absorvido por completo, a pensar nas
consequencias de tal revolta, na
possibilidade do seu triumpho e no
pasma que certamente causaria em
todo o mundo, um facto verdadei-
ramente unico, na historia da hu-
manidade!

Pois, esta manhã acordava eu a
hora regular e dispunha-me a le-
vantar-me, quando fui assaltado pela
ideia da revolta, que ha tanto
me não deixa. Fiz um cigarro e fu-
mava-o, deitado ainda, perdendo os
pensamentos em mil conjecturas
relativas á revolução! Phantasiava
a lucta, e a minha imaginação crea-
va scenas lancinantes, desesperadas,
sanguinolentas.

Havia uma completa absorpção
do meu espirito!

E no tecto da casa para onde di-
rigia o meu olhar perdido, apparecia-
me o theatro da lucta e lá recon-
hecia entre os combatentes, offe-
gante, athletica, a ministra da guer-
ra, que em vez de se encontrar no
ministerio, achava-se no combate!

E quando eu phantasiava a scena
mais pathetica da lucta, quando
via a ministra erguer a sua espada
e ordenar uma carga em linha contra
as forças governamentaes; pre-
cisamente no momento do encontro
dos contendores, vendo as forças
fieis ceder ao choque medonho das
assaltantes que ee portavam mara-
vilhosa e denodadamente, entra-me
no quarto o criado, rapazola im-
berbe, que me serve com todo o

salero (é gallego) entregando-me
um cartão, onde li:

William Jackson.

Que diabo me quererá o inglez.
Sim, o nome era inglez ou ame-
ricano!

La interrogar o criado, o meu
Juan Dias y Dias, mas este apres-
sou-se dizendo-me:

—Está na sala a pessoa que trouxe
o bilhete. E' um sujeito mais alto
que o sr. Ivo, suissas louras, muito
vermelho, sardento, vem amarra-
do pelo meio com um cinto por
cima do casaco, calção e meias
de... mulher!

—E' um bife, disse eu!

—De cebollada? pergunta me o
Juan!

—De cebollada? Quem te fallou
em cebolladas?

—V. ex.ª, que pediu um bife

—Não é isso. Vae tratar da tua
vida.

Pouco depois entrei na sala. A
minha visita embasbacava-se em
frente d'um quadro que representa
o desembarque de Bonaparte em
Santa Helena!

O meu criado não se afastára da
verdade a descripção do vestuario
do inglez.

Era sem duvida alguma um in-
glez.

—Tenho a honra, disse eu cur-
vando-me, de fallar ao sr. William...

—Jackson, terminou elle, criada
de v. ex.ª, que ter subida honra
de ser recebida pelo sr....

E não se lembrando do nome,
abriu a sua carteira enorme, muito
elegante, muito fina, e desdobrando
um exemplar da *Folha* que tirou
de dentro, procurou com o olhar a
assignatura da narrativa sobre a
conspiração e acabou:

—Ivo Sereno?

—Eu mesmo, *gentleman!*

—Oh! exclamou elle radiante ao
ouvir-me pronunciar a ultima pa-
lavra.

—You speak english?

—Não fallo inglez, meu caro se-
nhor, fallo apenas a bella lingua
em que Camões escreveu as immo-
redouras paginas dos *Lusíadas!*

—Oh! *Lusíadas*, yes!

—Eu sou reporter do *Graphic*,
e lendo n'este jornal (apontando
para a *Folha*) noticia de conspira-
ção contra King Charles, isto é,
contra rei de Portugal, vir indaga-
ções verdadeiras, desejar saber tu-
do e obter photographias persons
mais importants para estampar no
Graphic!

Ser verdadeiramente extraordi-
naria esta question!

Inglaterra que estar vendo cami-
nhar politique Portugal, pensa se-
riously, sobre esta nova complica-
tion!

Gouvernement portuguez estar a
braços com great inimigo: republi-
canos!

Inglaterra ter maior empenho em
que eousas aqui não mudar. Sir
Gladstone, desejar saber também
what news about this last question!

—Não percebo a ultima phrase,
retorqui eu.

O inglez sorriu-se e repetiu:

—Sir Gladstone desejar saber
também se... se... ser verdade
esta conspiration!

—Meu caro senhor, nada mais
posso acrescentar ao que escrevi,
porque nada mais sei.

—Y beg you pardon, interrom-
peu o sr. William, speak portu-
guese... eu fallar portuguese pou-
co, permitir eu escreva emquanto
fallar.

—Sim senhor.

E o bife, de lapis em punho, es-
crevia em inglez o que eu ia di-
zendo.

—Nada, absolutamente nada,
posso acrescentar ao que diz o jornal.

Posso apenas affirmar ser verda-
deiro o que se narra.

O governo portuguez julgo que
toma medidas preventivas, afim de

reprimir todo o movimento revolu-
cionario que possa haver!

Afastado do centro da conspira-
ção, conservo-me alheio a todos os
trabalhos, desconhecendo, assim,
em que altura elles vão.

O sr. William,—Jackson, disse
o inglez que continuava escrevendo,
—pôde dirigir-se ao apologista de
Zenão, que elle certamente lhe for-
necerá todas as indicações e, creio
mesmo, obterá licença para o levar
até onde o sr. William deseje.

Depois de escrever tudo quanto
lhe disse, reparei que elle por bai-
xo da ultima linha punha em let-
tras gordas: Zenão.

O inglez levantou-se, guardou a
carteira e estendeu-me a mão, onde
apertou a minha com todo o reco-
nhecimento, dizendo-me ser prova-
vel voltar.

—Agradecida, muita agradecida.

—A's suas ordens. sr. William.

—Jackson, acabou elle. Much
obliged, very much obliged.

E sahiu.

O Juan appareceu, dizendo-me
que estava o almoço na mesa.

Havia um bife, mas não de ce-
bollada!

Ivo Sereno.

NOTICIARIO

BOAS-FESTAS

Enviamol-as aos nossos as-
signantes, illustrados collabo-
radores, collegas e amigos.

O nosso artigo

E' do sr. dr. Almeida Medeiros
o artigo que, em logar de honra,
publicamos hoje, e que é assignado
com as iniciaes A. M.

Sentimos demasiado prazer e or-
gullo, vendo o nosso humilde se-
manario collaborado, de quando em
quando, pelo insigne, conhecido,
apreciado e valente jornalista.

O sr. dr. Medeiros nos seus es-
criptos tratará simplesmente de po-
litica geral.

Esta referencia é feita para que
ninguém pense que o distincto col-
laborador está á testa da redacção.

Observamos isto para dissipar
por completo desconhecidos comen-
tarios que—referem-nos—se fi-
zeram por ahi, e cuja origem pro-
veio d'uma simples local em que
participavamos aos nossos leitores,
com satisfação intima, que o sr. dr.
Medeiros honraria as columnas da
Folha d'Ovar com alguns artigos.

Parece que n'estas poucas linhas
dissemos o bastante para esclareci-
mento e desmentido dos referidos
e injustos commentarios.

Enferma

Tem-se achado muito incommo-
dada, ha bastantes semanas, hoje,
felizmente, melhor, a muito digna
e illustrada esposa do nosso amigo,
o sr. Augusto d'Oliveira Gomes,
importante capitalista n'esta villa.

A' veneranda e bondosa enferma
desejamos as mais promptas me-
lhoras.

Estimamos

O nosso amigo Manoel Joaquim
Rodrigues, do Outeiro, acha-se já
quasi restabelecido dos incommodos
que o affigiram bastante tempo.
Estimamos.

Theatro

Domingo, proximo, entrada do anno de 1893, teremos no theatro d'esta villa um magnifico espectáculo em que tomam parte os distinctos amadores, srs. drs. Sobreira, Lopes, Amaral, Descalço, e os srs. Ferraz, Coelho, José Cunha, Francisco Marques, José Marques, Antonio Augusto Freire de Liz e Arthur Valerio, subindo á scena a primorosa comedia-drama em 3 actos, *Simão, o Tanoeiro*, e a chistosa comedia em 1 acto, *O creado distrahido*, sendo a primeira orna da de lindissimos côros, e a segunda de *couplets*.

E' ensaiador o ex.^{mo} sr. padre Marques.

A musica é escripta pelo nosso querido amigo, João Alves.

Não é necessario fazer reclame, pois todos conhecem em demasia os dotes theatraes e a sympathia que caracterizam os distinctos amadores.

Não ha duvida que no domingo a casa d'espectaculos d'esta villa estará á cubra.

E' mais uma bella noite que o publico amante da arte de Talma, muito apreciará.

No competente logar inserimos hoje um annuncio a este respeito para o qual chamamos a attenção.

Ninguem se engane, é no domingo.

Estada

Esteve na segunda-feira n'esta villa o ex.^{mo} sr. Roberto Alves, da Villa da Feira.

S. ex.^a retirou-se no mesmo dia.

Chronica do Tribunal

Maria Pires e Julia de Jesus, de S. João, responderam em policia no dia 23, pelo crime de furto a Antonio José de Almeida.

Foram absolvidas.

Que fatalidade se as duas meninas ficavam no *chelindró* na vespera da conçoada!

Deus compadecceu-se das innocentes!

Festividade do Natal

Passou tristonho o dia de Natal, na nossa villa, devido á chuva continuada.

Na igreja houve festa de manhã e de tarde, como é costume todos os annos.

Nesse dia tivemos o prazer de ouvir o orador sagrado, Alves Mendes, que proferiu um sermão que arrebatou mais uma vez os devotos illustrados que correram, de tarde, á igreja, para o ouvir.

A procissão não sahiu por o tempo não o permittir.

N'essa festividade tocou a orchestra «Boa União». Uma cantora de Estarreja, que foi convidada a prestar o seu auxilio á mesma orchestra, foi infeliz: poderá ser profunda em musica, porém a voz... des-acreditou-a.

Os namorados da arte de Rossini, que ouviram a cantora attentamente, manifestaram, como nós, desgosto; e é por esse motivo que d'aqui lhe enviamos os nossos pezaes, aconselhando-a a que não volte a Ovar fazer uma tão *brilhante figura*, porque as duas collegas de cá fogem de vergonha se teem a desdita de ouvir outra vez a sua *dulcissima* voz!

Entre nós

Acham-se os nossos amigos e patricios Bernardo Barbosa, Manoel Vaz, Arnaldo Fragateiro, Manoel

Barbosa, José Barbosa, Pedro Chaves, Lopes Fidalgo, Jayme Amaral e outros que vieram passar as férias.

Em companhia dos anjos

Está mais alegre do que nós e em logar que o Destino não nos talará, um filhinho do sr. José Maria Dias de Rezende, da rua de S. Thomé, que se alou para a mansão celeste—para a companhia dos anjos—na quinta-feira.

Ao pae do innocente finado enviamos os nossos cumprimentos.

Estradas

Continuam intransitaveis as estradas n'esta villa, apesar de se pedir ao governo que lançasse os *pedosos* olhos sobre o seu estado.

Annos

Passa no domingo, 1.º de janeiro, o anniversario natalicio da ex.^{ma} sr.^a D. Esilda, filha dedicada do nosso amigo o sr. José Maria da Graça Soares de Souza, intelligente escrivão de direito em Oliveira de Azemeis.

Recita

Não foi no domingo, como estava annunciada, por causa do mau tempo, mas na segunda-feira, a recita dada pela companhia de dançarinos de corda. O espectáculo foi *esplendido!* Vamos por partes.

O desempenho d'um drama, comedias e cançonetes foi *chócho* como as coisas *chóchas*; quando a orchestra tocava, os espectadores faziam carrancas, tal era o desgosto, a desafinação; e a plateia estava sempre insubordinada a ponto de a policia se vêr, por vezes, em papos d'aranha, como vulgarmente se diz, para chamal-a á *ordem!*

Uma *pepineira* finalmente.

A mesma companhia seguiu na terça-feira para Oliveira d'Azemeis.

Que seja mais feliz.

Cartões de visita

Para todos os preços, a começar em 160 réis, e para todos os gostos, imprimem-se na acreditada Imprensa Civilisação, no Porto.

Os pedidos podem ser feitos n'esta redacção.

Aqui teem os nossos leitores um aviso conveniente.

Gravemente enfermo

N'este estado encontra-se o sr. dr. Francisco Fragateiro, nosso collega do *Povo d'Ovar*.

Caso raro!

O *Ovarense* apresentou-se no domingo bem *educado*, como sempre.

Muitos parabens!

CHRONICA

DEPOIS DO NATAL

Jubiloso e sombrio, apposto a uma commoção de que desconheço

a principal fonte—a origem, e apessado d'uma melancholia desesperadora que me aturde o espirito, veuho dar a primeira cavadura na chronica, forçado mais pelo dever contrahido do que pela espontanea e leal vontade que de sempre, em mim se manifesta, n'este caso.

E quem, no dia d'hoje, quatro dias depois da grande festa, não vê desfallecido o animo, ou caminha já longe na estrada da vida, ou então é um sceptico, um ente ridiculo que vive... por viver, até que a aza da Parca o arrasta á sepultura, sem que elle, o sceptico, o ente aborrecido, conheça o que são prazeres!

Um parenthesi:
Viva a philosophia! Eu agora, n'esta ultima phrase, quasi que dava ares de philosopho profundo!

Prosigamos emquanto as ideias estão *affinadas*.

Comparada á folha da arvore, mirrada e só, que se dobra aos impulsos das brizas que por fim a deitam por terra, assim a minha alma está sensível depois que quatro dias cobriram o do Natal.

Natal! Natal! A ninguem passas escondido; e quem mais tristemente se lembra de ti é o prisioneiro a quem o rodeiam paredes negras, que recebe a luz sagrada do Universo pelo ferrugento e lugubre gradeamento, e que respira a atmosphera nauseante e doentia!

Quem de ti se lembra, dolorosamente, é o navegante, no largo mar, que chora, meditativo, desalentado, vendo-se tão longe do lar querido aonde, na quadra infantil, na quadra feliz, brincou e recebeu mil caricias da mãe que o deixou ir mundo fóra, entregue á Sorte!

Outro parenthesi.
Que sensibilidade e que côr triste com que pinto a minha chronica!

Arrancae, leitoras, do vosso casto peito um enternecedor «ai» de saudade, e dizei commigo:

E' peccado comer carne
No dia das consoadas?
Pois de sardinhas não gosto:
Troquei-as a *rabanadas!*

Fui tarde para a igreja, no domingo; e se não fosses tu—ó enlevo da minha alma!—eu jámais sahiria de casa, do lar aonde estava a encafuar para o estomago castanhas assadas, pinhões, rabanadas e chá de videira.

Cheguei bem tarde para ouvir, no templo do Senhor, a missa da festa desde o principio. Que importa isso?

Lá estava o enlevo da minha alma que supplicou ao Nosso Pae por mim, emquanto não me fiz até alli, aonde encontrei os meus amigos e conhecidos abstractos e melancholicos e extasiados pela voz sublime d'uma moçoila já entradota na vida que, do côro do templo, a deixava fugir pelas suas abobadas!

Quando ouvi aquella voz doce, praguejei, e segredei aos meus companheiros: *Uma preciosidade d'aquellas devia estar no theatro de Millão!*

Entrei em casa pelo principio da tarde. Apresentaram-me ao jantar o resto das *rabanadas* do dia anterior. *Emmalei-as* para o bandulho e fui outra vez para a festa, muito alegre, (notem os leitores: não ia ebrio) muito alegre, porque o enlevo da minha alma prometteu ir igualmente, com um olhar furtivo mas que comprehendí.

A procissão não sahiu, porque o tempo chuvoso jurou vingar-se da minha pessoa, visto os meus promettimentos sagrados na minha

chronica ultima, promettimentos estes de que narraria com verdade e com desejo incassavel quaes as vestes e maneiras como as leitoras seguiriam o prestito.

Não sahiu a procissão. Que pena para mim e para vós, leitores!

Na segunda-feira, por uma d'essas sortes felizes e sem ser esperada, fui a Oliveira d'Azemeis, onde passei todo o dia, muito satisfeito e muito... triste.

Triste? Por quê?

Porque não pude jogar quatro amabilidades á menina dos romances!

Quem é essa predilecta a taes leituras?

Não sejam indiscretas as leitoras, e permitam-me que termine a chronica, que já vae prolongada.

Partindo da encantadora villa ás 7 horas da noite, cheguei a Ovar e em seguida ao theatro, seriam 9 horas.

Uma pandega!

Ri e applaudi os *artistas* da companhia dos palhaços.

Uma *palhaçada* no final tudo aquillo.

Cançado, alegre e... triste (poderá ser?) estendi-me na minha cama pelas doze horas da noite.

Dormi como um abbadé.

Domingo vou ao theatro apreciar os nossos patricios.

E vós, candidas leitoras?

Quereis uma chronica *chic* e dedicada unicamente a vós?

Ide ao theatro então.

Até quinta-feira.

Jayme.

THEATRO OVARENSE

Domingo, 1.º de janeiro de 1893

RECITA POR AMADORES
EM BENEFICIO

Comedia-drama em 3 actos:

SIMÃO O TANOIRO

e a comedia em 1 acto:

O CREADO DISTRAHIDO

Principia ás 8 horas

Os bilhetes acham se á venda no estabelecimento do sr. Silva Cerqueira, na Praça, até ás 3 horas da tarde do dia do espectáculo, e depois na bilheteira do theatro.

Preços os do costume.

Para quem gostar

Um rapaz tem um namoro com a filha d'um dentista. Consegue estar a sós com ella e mostra-se um pouco audacioso.

N'isto santem-se passos.

—Ai! Deus do céu! exclama a rapariga. E' meu pael!

—Que hei-de fazer? pergunta o rapaz atrapalhado.

—Só tem a escolher entre duas coisas: ou pedir-me em casamento, ou tirar um dente.

Uma elegante pergunta a outra:
—Então, teu marido está sempre apaixonado?

—Até demais. Dir-se-hia que não somos cazados.

—Tua mulher engana-te!

—Enganar-me? A mim?

—A quem querias tu então que ella enganasse? Ao homem do lixo?

X... acha-se n'um baile e por acaso piza a cauda do vestido de uma senhora excessivamente decotada:

—Imbecil! diz ella voltando-se e fulminando o estouvado com um olhar de colera.

Minha senhora, responde X., se v. ex.^a tivesse sobre o peito o que lhe sobra por de traz, não aconteceria esta desgraça.

ANNUNCIOS JUDICIAES

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 15 de janeiro proximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial da comarca d'Ovar, vão á praça para se arrematarem por quem mais offerecer sobre o seu valor, na execução de conciliação que o Padre João d'Oliveira Saborino e Affonso José Martins, movem contra Francisco Ferreira Couto e outros todos d'esta freguezia, sendo as respectivas despezas á custa dos arrematantes, os seguintes bens:

Movéis

Um barco mulceiro em bom uso, no valor de 197\$200 réis.

Dois carros aparelhados, no valor de 77\$000 réis.

Semovente

Um boi serrano de côr amarella, no valor de 527\$800 réis.

Immoveis

Uma terra lavradia, que parte do norte com Joaquim Sardo, e sul com Manoel Sardo, no valor de 427\$000 réis.

Outra terra lavradia, que parte do norte com Custodio Rabuço, e sul com Francisco d'Oliveira, no valor de réis 137\$000.

Outra terra lavradia, que parte do norte com areias, e sul com caminho de servidão, no valor de 907\$000 rs.

Outra terra lavradia, que parte do nascente e poente com Thomé d'Oliveira, no valor de 287\$500 réis.

Todas estas terras são allodiaes, e sitas em Torrão de Lameiro, d'esta freguezia.

Legado

O legado de 507\$000 réis deixado a Maria Melindra, por Maria de Souza Vinagre, no testamento com que falleceu, do qual é usufructuario vitalicio o Padre João d'Oliveira Saborino, vae á praça no valor de 187\$750 réis.

Ovar, 23 de dezembro de 1892.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 1.º de janeiro próximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre o seu valor, na execução por sellos e custas que o Ministerio Publico move contra João d'Oliveira Manarte, o Viella, e mulher, da Ponte Nova, d'esta villa d'Ovar, sendo todas as despesas á custa do arrematante, a seguinte:

PROPRIEDADE

Uma morada de casas baixas, e mais pertenças, sita no logar da Ponte Nova, d'esta villa, a partir do norte com Manoel Victoria, e sul com Anna de Sá, allodial, no valôr de 40,5000 réis.

São citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 23 de dezembro de 1892.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Sulgado e Carneiro.

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.
(70)

ARREMATÇÃO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 15 de janeiro próximo, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer, no inventario de menores aberto por obito de Francisco José de Assumpção, morador, que foi, em Guilhove, d'esta freguezia, uma casa em mau estado com terra lavradia pegada, parte d'um poço e mais pertenças, sita no mesmo logar, a partir do norte, sul e poente com Manoel da Cunha Farraia, avaliada em 50,5000 réis.

As despesas da praça e a contribuição de registro são á custa do arrematante.

Por este meio são citados os credores incertos para usarem dos seus direitos.

Ovar, 24 de dezembro de 1892.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.
(71)

ANNUNCIOS

Agradecimento

Profundamente penhorados para com as pessoas de quem recebemos cumprimentos e outros testemunhos de consideração e amisade, por occasião da doença, e fallecimento da nossa querida esposa, mãe, irmã e prima, agradecemos a todos por este meio, pedindo que nol-o desculpem e nos perdoem qualquer falta involuntariamente commetida.

Ovar, 23 de dezembro de 1892.

Domingos Manoel d'Oliveira Aralla.

Julia Augusta Estevam Aralla Pinto.

Maria Eduarda Estevam Aralla.

Maria Rita Estevam Aralla.

Maria Adelaide Estevam Aralla.

Manoel d'Oliveira Aralla e Costa.

Francisco Antonio Pinto.

Maria Custodia do Espirito Santo Azevedo.

José de Souza Azevedo.

José Rodrigues Leal de Faria.

Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico sub-chefe do serviço de saude nos caminhos de ferro do Minho e Douro, etc, etc.

Porto, 22 de julho de 1892.

MAURICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA

ARTES E OFFICIOS

A' venda na IMPRENSA CIVILISAÇÃO, Pocinha, 73.—Preço 400 reis.



GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

o catalogo geral illustrado contendo todas as novidades para a ESTACÃO de VERÃO, a quem o pedir em carta franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C^o

PARIS

São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõem os nossos imensos sortimentos, especificando-nos o melhor possivel os generos e os preços.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-A.

Todas as encomendas expedidas por intermedio da nossa casa reexpedidora de Lisboa são franco de porte até aquella cidade, seja qual for a sua importancia.

Para as outras localidades, as despesas de reexpedição são por conta dos nossos clientes.

As encomendas pedidas a Paris e acompanhadas de sua importancia, podem ser expedidas directamente ao endereço do cliente, em tantos volumes postaes, franco de porte, quantas vezes 50 francos se contiverem na factura.

Para outras explicações veja-se as condições d'expedição nos nossos Catalogos.

PAPEL

De jornaes, formato grande para embrulho.

VENDE-SE

Ao kilo, a preço muito modico

Rua do Meio n.º 82—Porto

(Loja de encadernador)

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 PORTO

N'esta officina, imprime-se bilhetes de visita a 160, 200, 240, 300, 360 e 400 réis.

BILHETES DE LUCTO

para agradecimento Porto—IMPRENSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

- Cynismo, scepticismo e crença*, Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição) 300
- O captivo*, (do mesmo auctor), canção original 50
- Henriqueta, a aventureira*, (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principais scenas do drama 400
- Os homens que riem*, (do mesmo auctor), comedia em 3 actos 400
- Homens e feras*, (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos 400
- Os viscondes d'Algirão*, (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros 400
- O poder do ouro*, por Dias Guimarães, drama em 4 actos 500
- O Condemnado*, (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros 400
- Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores*, (do mesmo auctor) 400
- A Judia*, por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos 400
- Magdalena*, (do mesmo auctor), drama em 4 actos 400
- Helena*, (do mesmo auctor), comedia em 5 actos 400
- No palco* (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume 400
- Dá cá os suspensorios*, (do mesmo auctor), comedia em um acto 100
- Villão, o fugitivo da cadeia do Porto*, (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos 200
- Ambos livres*, por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto 100
- Os homens de bem*, por Antonio Correia, drama original em 5 actos 300
- Tribulações d'um marido*, por João Coutinho Junior, scena comica original 100

Contos e historias diversas

- O verdadeiro livro de S. Cypriano*, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas 500
- Arte para curar bois*, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes 60
- Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens* 40
- Historia dos tres filhos*, ou o gato das botas 20
- O noivado do sepulchro* (ballada) 20
- Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo*, conforme a escreveram os quatro Evangelistas 60
- Auto de Santa Barbara*, virgem e martyr, filha de Dioscoro, genio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous doutores, Marciano, um alcaide, e um anção 40
- Acto intitulado Apartamenio da Alma*, em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima 40
- Acto de San'a Catharina*, virgem e martyr, filha do rei go-go de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim 40
- Auto do Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dálilo, um vilão, um tabellião, um carniccio, uma regateira e um moleiro 40
- Auto de Santo Aleixo*, filho de Eufemiano senador de Roma 40
- Auto de Santo Antonio*, livrando seu pai do patibulo 40
- O Judeu errante* (historia biblica) 20

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portuguesa, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.